

A TEORIA LÉXICA DE MATTOSO CÂMARA

*Evandro Silva Martins**

ABSTRACT: *The aim of this article is to analyse the construction of Teoria da Análise Léxica and some reflections proposed by Joaquim Mattoso Câmara Jrº.*

0. Introdução

Ninguém fez tanto para os estudos lingüísticos da Língua Portuguesa como Joaquim Mattoso Câmara Júnior. Basta passar os olhos pela obra compilada por Carlos Eduardo Falcão Uchoa, intitulada *Dispersos de Joaquim Mattoso Câmara Jrº*. Nela, o autor ao longo de dezoito folhas fala dos estudos, da carreira de Mattoso Câmara e da vasta bibliografia deixada pelo saudoso lingüista. Desde o artigo *Pequenas Lições de Português*, publicado no *Correio da Manhã*, em 25 de janeiro de 1934 até a edição do *Estrutura da Língua Portuguesa*, Mattoso Câmara não passou um ano sem contribuir para o estudo da Língua Portuguesa e da Lingüística, esta ainda incipiente no Brasil nos idos de quarenta. A sua obra *Princípios de Lingüística Geral*, que marcou a vida de muitos lingüistas da atualidade foi publicado em 1942, numa época em que a ciência da linguagem nem era contemplada nos poucos cursos universitários brasileiros, o que veio a ocorrer, apenas, em 1962, quando o Conselho Federal de Educação estabeleceu a obrigatoriedade de se ministrar a Lingüística em toda escola superior de Letras.

Nosso artigo pretende analisar uma pequena obra *Teoria da Análise Léxica*, escrita para subsidiar alunos ingressantes no exame de admissão ao curso ginasial e no curso normal. Esta obra mostra uma faceta pouco conhecida do velho mestre. Mattoso Câmara formou-se em 1927 em Arquitetura pela Escola Nacional de Belas-Artes, concluiu o curso de Direito em 1932, foi aprovado em concurso para o desenhista da Inspetoria de Águas e Esgotos, cargo que abandonou em 1937 para se dedicar exclusivamente ao magistério, em que se iniciara em 1928.

Mattoso Câmara iniciou sua vida profissional como professor secundário em concurso de Português para o ensino profissional da então Prefeitura Municipal do Distrito Federal. Foi professor de Latim, de Português, em muitos colégios do Rio de Janeiro, e de expressão oral e escrita na Escola do Comando e Estado-Maior da Aeronáutica. Dessas atividades

* Professor da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

resultaram muitas obras completamente desconhecidas do alunado dos atuais cursos de Letras.

Dentre outras, destaca-se a obra mencionada sobre a qual teceremos alguns comentários.

1. A organização do livro

Por se tratar de uma obra voltada para futuros ginasianos, o texto se reveste de muita simplicidade. Diferente dos livros voltados para os estudos lingüísticos que os alunos universitários acham extremamente áridos, na obra em questão, Mattoso faz largo uso de exemplificações, com exercícios de aplicações e, várias vezes, surpreendemos o autor recorrendo à etimologia dos termos lingüístico-gramaticais a fim de facilitar a compreensão do discente neófito.

Como o título diz a obra é voltada para análise léxica, no entanto, para ser didático o autor divide o livro em duas partes. A primeira trata da análise léxica dividida entre análise gramatical e mórfica. A análise gramatical, também chamada de análise categórica, contemplará a análise prosódica. Um maior espaço caberá à análise gramatical visto que a mesma trata das categorias gramaticais do Português, ou seja, da classificação das palavras variáveis e invariáveis da língua.

Quanto à análise mórfica, sem abandonar um roteiro gramatical, Mattoso mostra como se faz uma análise formal, levando-se em conta o sentido.

Vamos abordar, inicialmente, a análise gramatical, nas vertentes lexicais e fonológicas.

2. A análise gramatical

De forma simples e didática, Mattoso principia o texto dizendo que a análise léxica se refere ao estudo das palavras que compõem uma frase. É chamada léxica por provir do grego *lexis* “palavra”.

Entendendo por frase o conjunto de palavras organizadas que nos permitem a comunicação, as análises possíveis seriam quanto à categoria: gramatical e a prosódica.

De início, abordemos a análise prosódica. Mattoso trabalha com a análise da sílaba e do acento.

Define as sílabas, etimologicamente do grego *syllabé* “que está reunido”, como unidades fônicas chamadas fonemas, do grego *-phónema* “voz emitida”, subentenda-se “indivísivel”, classificados como vogais e consoantes. Os fonemas, na palavra escrita, apresentam-se por meio de letras e na fala por uma sucessão fônica.

Para analisar o corpo silábico de uma palavra é necessário a) sabermos separar as sílabas, reunindo-as às letras a que pertencem e b) o

número de vogais que o vocábulo tiver. Para separarmos estas sílabas, diz ele, é preciso vencer alguns obstáculos. O primeiro se dá com as letras que só têm valor etimológico como o grafema *h*. O segundo como os grupos consonantais que ocorrem no interior de uma palavra escrita. Para este desiderato será necessário conhecer as classes das plosivas, das constrictivas, das líquidas e das nasais do Português. Não vamos tecer nenhuma consideração sobre este assunto por não apresentar nenhuma novidade. O que chama a atenção é a classificação do número de sílabas por meio das vogais que se encontram na base de cada sílaba, mesmo que haja uma vogal auxiliar (a vogal assilábica ou semivogal). Esta constatação mostra que a divisão silábica não deve seguir apenas a convenção proposta por formulários ortográficos.

Terminando a análise fônica, passa Mattoso Câmara para a análise prosódica, ou seja, o acento. Vejamos a clareza meridiana do texto mattsiano: “Já sabemos que nas palavras há, em regra, uma vogal base de uma sílaba, que é pronunciada com grande intensidade, ou ACENTO. Essa vogal, bem como a sílaba correspondente, chama-se ACENTUADA ou TÔNICA, do grego *tónos*, “esforço, vigor” (Mattoso, 1956, p. 12-13). Notamos aqui a idéia de vogal ocupando a base da sílaba e nela a força entonacional que caracteriza o acento. Consoante o que já afirmamos, é interessante os comentários que o autor faz sobre as bases etimológicas encontradas ao longo do texto. Além de recuperar o sentido primitivo, de enriquecer lexicalmente o leitor, o consulente vai percebendo que o termo, muita vez, carrega em si o sentido. Isto é facilmente comprovado ao explicar o que é uma palavra oxítone, paroxítone e proparoxítone.

Para o autor, a análise prosódica leva em conta as sílabas átonas e a tônicas. Estas podem ser oxítone, do grego *oxys* “agudo” e *tónos* “vigor”, graves ou paroxítone (aqui se acrescenta ao termo oxítone o prefixo grego *para* significando “ao lado”) e as esdrúxulas ou proparoxítone (ao termo paroxítone é acrescentado o prefixo *pró* “que vem”, ou seja, que antecede o paroxítone. Digno de nota é o termo *esdrúxulo* tomado do italiano significando nesta língua “escorregadio”, porque o enunciado escorrega depois da sílaba tônica por mais duas sílabas.

Embora se trate de um manual, Mattoso não se esquece da sua condição de lingüista, pois acrescenta: “A enunciação normal das palavras na frase, quanto ao acento, pode ser alterada por duas maneiras excepcionais de emissão de voz: 1) ênfase; 2) próclise acidental. (Câmara Jrº, 1956, p. 28)

Contrariamente ao que se lê nos manuais gramaticais, o autor entra num campo pouco explorado, ou seja, os valores fonoestilísticos da frase. Uma pronúncia mais enfática como em “Ele foi sem chapéu? Não, ele foi *com* chapéu!” além de transformar um vocábulo átono emônico, pode garantir até uma mudança de sentido.

Por outro lado, a próclise acidental provoca o inverso. Uma sílaba tônica pronunciada sem relevo no conjunto oracional pode se transformar

em átona. O exemplo é bastante ilustrativo: — *grande dor, tua dor, essa dor.*

Não se pode olvidar que, por se tratar de um manual para uso de adolescente interessados em vestibular para o ingresso no curso ginásial ou mesmo para o curso normal, para cada unidade ele insere exercícios de aplicação.

Dentro ainda da análise gramatical, Mattoso Câmara passa, agora, a abordar as categorias gramaticais. Explicando estas categorias diz que elas representam o modo pelo qual a língua exprime o que há no universo. Assim, uma análise categórica consistiria em enumerar as categorias gramaticais, isto é, a classe ou variações de classe de variações que ela apresenta na frase.

Levando-se em conta o sentido, faz a clássica divisão das palavras em variáveis e invariáveis. Estarão na classe das variáveis o nome, o pronome e os verbos. Já nesta época assim como o fará na obra *Estrutura da Língua Portuguesa*, publicada vinte anos depois, Câmara Jr^o não segue a tradicional divisão proposta pela *Nomenclatura Gramatical Brasileira*, de 1958.

Para ele, os nomes se dividem em substantivo e adjetivo. O primeiro indica os seres, reais ou imaginários, e o segundo, as qualidades que se acham nos seres. Para a complicada questão dos substantivos concretos e abstratos, ele simplesmente conclui que os primeiros indicam seres indivíduos ou partes do indivíduos, enquanto os outros são os que apresentam qualidades ou atos considerados isoladamente. São abstratos porque abstraímos dos seres as qualidades que percebemos. Chama também os numerais de nomes, sejam cardinais ou ordinais.

Quanto às variações nominais, fala da categoria de número, de gênero e as de grau. Na obra, Mattoso Câmara não discute a possibilidade de grau não ser flexão. Entendemos que numa obra voltada para o ingresso de alunos tão jovens, isto não traria nada de novo.

Quando se propõe falar dos pronomes, menciona a existência de pronomes substantivos e adjetivos, já mostrando que esta classe tem função anafórica e dêitica. Antecipando o que fará, posteriormente, na *Estrutura da Língua Portuguesa*, Mattoso Câmara coloca o artigo — definido ou indefinido — como um pronome adjetivo.

Ao se referir à classe verbal, prende-se aos padrões da gramática normativa. O autor, então, se limita a mostrar os paradigmas verbais, sem as primorosas contribuições hauridas no clássico artigo “Para o estudo descritivo dos verbos irregulares”, de 1966, e os capítulos sobre o verbo, inseridas no seu primeiro livro de abordagem estruturalista de 1970.

Já as palavras invariáveis, ele as coloca em dois grupos: o advérbio e os conectivos. Nas entrelinhas, ao falar do primeiro, ou seja, do advérbio, vislumbramos a idéia dos advérbios de base nominal e os de base pronominal, tese que defenderá anos depois.

Os conectivos não ficam restritos apenas às conjunções. Encontramos neles as preposições, as locuções prepositivas, as contrações, as conjunções e as locuções conjuntivas. O que nos chama a atenção é que

numa época em que a grande preocupação era com a análise sintática, Mattoso Câmara, fugindo das questões meramente classificatórias tão em moda, se preocupa com o problema da significação. Analisando as integrantes assevera que, por meio destas conjunções a oração subordinada completará o sentido da principal, sob pena dela ficar truncada. Mostra, ainda, que algumas conjunções só se encaixam num tipo, mas outras mudam de grupo conforme a frase em que se encontrem. Vejamos o caso da conjunção *como* que pode ser integrante no exemplo: (1) Não sei como ele procedeu; Pode ser causal em (2) Como estava cansado, não saí e, finalmente, como comparativa em (3) Trabalhamos tão bem como eles.

Ao comentar as coordenativas, refere-se à sua situação de copulativas ou aproximativas. Como copulativas, ligam as palavras, sobretudo a partícula átona *e*, como aproximativas, as orações.

Não é normal descrever as coordenadas como partículas átonas ou palavra com sílaba tônica. Como partículas átonas temos a copulativa e as disjuntivas *ou*, *nem* e a adversativa *mas*. Encontramos palavras como sílabas tônicas monossilábicas ou não: pois, porém, portanto, etc.

Concernente às interjeições, nada notamos que merecesse uma nota. Entretanto, insere um item muito importante: as palavras fora da sua função. Aqui reflete sobre o problema da substantivação que qualquer vocábulo assume conforme sua função na frase. Desse modo, podemos encontrar o advérbio não, a conjunção *mas*, a interjeição *ai* e o pronome pessoal *eu* como substantivo. Eis os exemplos:

1. *Terrível palavra é um não.*
2. *Os tímidos a tudo respondem com um mas.*
3. *Ela soltou um ai e desmaiou.*
4. *O egoísta só cuida do seu eu.*

Com um modelo de análise gramatical, Mattoso Câmara encerra este tipo de classificação e passa para a análise mórfica.

3. A análise mórfica

Vejamos a simplicidade da definição. A análise mórfica consiste em separar e classificar os elementos mórficos, quando os há.

Ora, para ele temos palavras indivisíveis como *mar*, *faz*, *eu* e *mais* que não se prestam à análise mórfica e as divisíveis, compostas ou simples, que permitem a decomposição dos elementos mórficos. As simples só têm um radical e elementos que indicam categorias gramaticais e as compostas se distribuem em compostos por justaposição, compostos por aglutinação e compostos por prefixação.

Ao analisar o processo de justaposição, refere-se ao problema da acentuação como delimitador da existência do vocábulo. Usa, inclusive, o

composto guarda-chuva, exemplo que será empregado, também, na já mencionada obra de 1970.

O autor desde essa época aceita a prefixação como um processo de composição. Para ele o prefixo introduz a idéia contida na preposição correspondente. Claro que ele não faz menção ao pseudoprefixo que dá sustentação a esta abordagem.

Depois da classificação, parte para a decomposição do vocábulo mórfico, esclarecendo ao discente a diferença entre o tema, a vogal temática e as palavras atemáticas. Como novidade insiste na diferença entre sufixo flexional e sufixo lexical. O primeiro é um elemento mórfico mínimo, indicador de categorias como gênero, número e pessoa. O sufixo flexional é uma flexão externa, mas pode ter uma flexão interna. Quando esta acontece há uma mudança da vogal tônica do radical. É caso da metáfora ocorrida em ovos do singular ovo, em que a abertura é um traço flexivo. Este caso mostra uma contribuição quase nunca encontrada em textos gramaticais.

O sufixo lexical, por sua vez, muda a espécie de palavra. É o caso de consolação, de consolar, saltitar, de saltar, marquês, de marco significando "fronteira".

Antes de dar os exercícios de aplicação que consistiram em textos literários, Câmara Jr^o, ainda, fala dos dois processos de formação de palavras em Português, a parassíntese, do grego *-pará* "idéia de estar ao lado" e *síntese* "reunião". Deixaremos de comentar já que não houve qualquer novidade na colocação.

4. Conclusão

A obra analisada, como vimos, traz, em alguns momentos, o lingüista que iria impulsionar os estudos lingüísticos brasileiros. Conquanto se trate de uma obra escrita para alunos que se submeteriam a vestibular para terem acesso ao ginásio e ao ensino médio, vez outra Mattoso Câmara pincela no texto contribuições que serão trabalhadas acuradamente em publicações de sua lavra em anos porvindouros..

Cremos que um estudo nos artigos, alguns hoje na Pontifícia Universidade Católica de Petrópolis e outros perdidos em jornais, daria uma pista para acompanharmos a trajetória do lingüista Mattoso Câmara, cujo centenário de nascimento a comunidade lingüística comemora em 2004 e a descoberta, como vimos, de embriões que, mais tarde, transformar-se-iam em contribuições tão importantes para a formação do universitário brasileiro.

Referências bibliográficas

CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. *Teoria da análise léxica*. Rio de Janeiro: s/ ed. 1956.

Dispersos de J. Mattoso Câmara Jr^o (seleção e introdução por Carlos Eduardo Falcão Uchoa) Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1972.

Princípios de lingüística geral. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1964.

Estrutura da língua portuguesa. Petrópolis, RJ: Vozes, 1970.